







A BOA MARGARIDA

GUARDARAS CASTIDADE

III

Assim descomposta a velha matrona esqueceu-se do cão, pôsto fora do templo a pentapés pelo sacristão, e atrojou-se à Flávia com tal fúria, que a não ser a aia e Margarida e as pessoas que estavam mais próximas, que lhe tomaram o passo, te-la-ia desfeito nas mãos, assim impedida de castigar quem tanto lhe molestara, viu-se forçada a sair da igreja.

Flávia vendo a sair, vindo como uma perdida, pôs o mantelete e o chapéu, sentou-se no banco e começou de novo a abanar-se com o maior sossêgo de espírito, balançando as pernas, e tomando finalmente posições tam indecorosas que escandalizavam a todos que ali estavam.

Apenas acabou a missa, saíram da igreja a aia e as duas meninas.

— Porém, mana... disse inatamente Margarida.

— Já sei o que vais dizer, interrompeu Flávia. Deixa-me.

— E' incrível! exclamou a aia. Dar semelhante escândalo na igreja! Hoje mesmo despeço-me de sua casa.

— Com o que muito folgarei, respondeu Flávia, pondo-se a cantar em alta voz, atraindo as atenções de quantos iam transitando, ao mesmo tempo que Margarida pedia à sua aia que ficasse por amor dela, e para não dar à sua mãe o desgosto que de certo lhe causaria.

— Ah! exclamou a aia intertecida: minha querida menina, o seu nome deveria ser — a boa Margarida!

Quando a aia e as duas meninas chegaram à casa, já encontraram lá o sacerdote que havia celebrado a missa. Tinha ido participar ao pai de Flávia o reprehensível procedimento de sua filha.

D. Josefa chorava, seu espóso olhava para ella com um sorriso

de amarga reconvenção. Flávia que apesar de infinita bon coração, pediu perdão à sua mãe, apellhando a seus pés.

IV Decorreram três anos: Margarida cresceu só, e quasi abandonada, e sem mais amparo do que o amor silencioso de seu pai, pois d. Josefa, a despeito dos seus propósitos e de estar convencida de que a sua excessiva condescendência prejudicava a filha, continuou a amá-la cada dia com mais cego extremo.

Flávia tinha chegado a dominar sua mãe, obrigando-a a ceder diante de todos os seus caprichos, já com meiguices, já com travessuras, que para d. Josefa eram outras tantas inimitáveis graças; porém esta nova educação habituou a menina a prescindir de todas as considerações sociais e adoptar por base do seu procedimento esse fatal — que me importa a mim? que é a perdição de todas as donzelas que o perfilham.

Margarida pelo contrário, ha-

via melhorado notavelmente, tanto moral como fisicamente. A sua excessiva magreza tinha desaparecido, tornando-se mais belas e regulares as suas feições, além disso vendo-se quasi abandonada de sua mãe applicou-se para distrair-se de sua contínua tristeza, a toda espécie de labores, a música e ao de senho, em que chegou a ser uma consumada professora.

O epíteto de «boa» que todos lhe davam devia-o ella, parte aos pobres, em cujo socorro despendia quasi todo o dinheiro que seu pai lhe dava para o tocador, e parte à sua aia, que não perdia a occasião de contar a todos o muito que valia a sua querida educanda.

Flávia gastava consigo todo seu dinheiro, o da sua mãe, e quanto podia haver de d. Manuel, já lhe pedindo directamente, já por mediação de Margarida, a quem seu pai nada negava, como ella bem sabia.

Quando Flávia e Margarida completaram dezaseis anos, che-

garam à Sevilha o filho da condessa, viúva de Niva, que andava viajando, e o do general d. António de Lara, que servia no exercito, no posto de comandante.

Os dois mancebos tinham se conhecido, e relacionado com a maior intimidade em Madrid, e tinham regressado à Sevilha para abraçarem a seus pais, que como já sabemos, eram muito amigos um do outro.

A condessa e d. António eram as únicas pessoas que visitavam, posto que de mui longa e longe, a casa do sr. de Vilaverde, desde a noite em que Flávia insultou tam imprudentemente à pobre Carolina.

Contudo apenas chegaram seus filhos à Sevilha, foram apresentados a d. Manuel e à sua familia. Os mancebos, conquanto ambos igualmente amáveis, eram de mui diferente caracter. Alberto era grave e medilabundo, apesar de não ter vinte e quatro anos.

Continua

VENDE SE NAS BOAS FARMACIAS E DROGARIAS DESTA CIDADE



Caixa Postal, Depósito geral e Casa filial — Rua Conselheiro Saraciva, 14 e 16

Advertisement for 'A PREVIDÊNCIA' (The Providence) insurance company. It lists capital, terms of membership, and various benefits. The agent is Vergilio N. Brandão.

disse, representa cl, fl, pl, latinos; assim temos: xá (rel) e chá (planta), xeque (regedor) e cheque (bilhete de banco), buxo, lat. buxum (planta), e bucho, lat. musculum (estômago e músculo).

A consulta ao VOCABULÁRIO é indispensável para o emprego de qualquer destes dois símbolos, actualmente equivalentes no valer.

70. z: Como inicial, ou depois de consoante, expressa o mesmo som que se ouve em zêlo, azeite, zurzir. Os vocabulos formados com o prefixo trans- e a palavra obsequio e seus derivados, todavia, escrevem-se com s, que representa s latino, como em transir, trânsito, transacção.

71. O z entre vogais corresponde a z, a ti e a ce, cilia-tinos, como em baptizar, razão, fuzer, vazia, e nisto se differença do s entre vogais, que a s latino corresponde. Os sufixos -izar, -izante, etc., escrevem-se sempre com z, como em anarquizar, judaizar; analisar, porém, porque provém de analyse, tem s e não z; horizonte z e não s. Em palavras de origem arábica é z e não s que se escreve; ex.: azarola, azeite, azougue. O sufixo eza, como proveniente de illu latino, tem z, mas das terminações anisa, enza, latinas, procedem os vocabulos e as formas asa, defesa, presa, etc.

O recurso ao VOCABULÁRIO é de necessidade para os casos duvidosos, como é para a hipótese seguinte.

72. O z final de palavra cuja última sillab seja a predominante, bem como o de vários monossílabos, alterna com s e tem o valor deste no idioma literário e comum.

Deve ter-se em atenção que o s correspond: sempre a s latino, e o z a z latino e a ss ou zz arábicos; assim teremos luz, voz, falar, fliz, alroz, vez, capuz, faz, jêz, de origem latina, algo, alcátruz, albornoz, de origem arábica; a única excepção é rés, como já se disse.

73. Nos patronímicos as terminações es, s, conquanto proveniente de ill latino, escrevem-se hão com s, porque na sua maioria o sufixo português é átono; ex.: Rodrigues, Nunes, Gonçalves; Dias; Martins, Miguelis; etc. Semelhan-

teamente é substituído por s um antigo z final de sílaba, como em mesquinho, mesquita, visconde, etc.

74. k, w, y. Estas letras, pro-critas do abecedário português, sómente são admitidas na escrita de vocabulos estrangeiros, como Kant, Darwin, Byron e nos seus derivados portuguezes, como kantismo, darwinismo, byroniano, que podem todavia ser escritos cantismo, darwinismo, baironiano.

75. Escrever-se hão iniciais minúsculas em meio de períodos ou orações gramaticais, nos seguintes casos:

- a) Nomes próprios de pessoas ou lugares, ruas, etc.;
b) Nomes colectivos designando cargos, em substituição das pessoas que os desempenham; ex.: Estado, Governo, Companhia das Águas, Centro Commercial, Patriarcado, Cuia, etc.;
c) Individualidades que exercem importantes cargos: Ministro da Marinha, Presidente, Juiz, etc.;
d) Repartições públicas: Direcção Geral das Colónias, Ministério da Guerra, etc.
e) Nomes de astros, divindades: Venus, Terra, Sol; etc.;
f) Nomes dos meses, nas datas;
g) Títulos de livros, excepto as particulas monossílabas, que se escreverão com minúsculas.

76. Hifen. Este sinal prende os vocabulos compostos, quando os seus elementos, conservando a acentuação própria, perdem em parte a sua significação primordial; ex.: mãe-d'agua, porta-bandeira, agua-forte, franco-russo, madre pérola, etc.

77. O hifen tem também os pronomes complementos átonos aos verbos de que dependem, quando são collocados depois destes; ex.: dou-te, dou-lo, dá-mo, louvá-lo, louva-lo, louvam no louva-o, tenho-o, tem-lo, tem-lo, tem-no, dá-vamo-lo, deram-se, deu-se-lhes, etc.

78. Quando, em fim de linha, se parte um vocabulo inteiro, parte-se igualmente o hifen, isto é, repete-se na linha seguinte, se unia os elementos de uma dicção composta; ex.: porta-voz, dou-te.

79. O hifen (-) com o nome de linha divisória, divide,

Advertisement for 'Filhas de Maria' (Daughters of Maria) medals. It describes the medals and lists the names of the donors: S. Bento, S. Benedito, S. António, N. S. das Dores, S. S. Coração de Jesus e de Maria, S. Brás, S. Inácio, Divino Espírito Santo, S. José, Anjo da Guarda, N. S. do Rosário, S. Francisco de Assis e muitas outras invocações.

Para debelar as impurezas do sangue, basta usar o grande depurativo o sangue Elixir de Nogueira, da farmaceutica-júmia, SILVEIRA.